



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GESTÃO EM COOPERATIVAS**

CARLOS ANTONIO OLIVEIRA DOS SANTOS

**A EDUCAÇÃO COOPERATIVA COMO FERRAMENTA DE
DESENVOLVIMENTO DO COOPERATIVISMO: UMA ANÁLISE DO
TRABALHO DESENVOLVIDO PELO SISTEMA OCB-SESCOOP/PA.**

ARAGUAÍNA

2016

CARLOS ANTONIO OLIVEIRA DOS SANTOS

**A EDUCAÇÃO COOPERATIVA COMO FERRAMENTA DE
DESENVOLVIMENTO DO COOPERATIVISMO: UMA ANÁLISE DO
TRABALHO DESENVOLVIDO PELA OCB-SESCOOP/PA.**

Artigo apresentado no curso de graduação em Tecnologia em Gestão de Cooperativas, Universidade Federal do Tocantins - UFT, como requisito parcial de conclusão de curso.

Orientadora: Prof.^a Msc. Angelita de Oliveira Almeida

Aprovado em: ____/____/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Angelita de Oliveira Almeida (Orientador)

Prof.º Paulo Augusto Mendes

Prof.^a Clarete de Itoz

Resumo: O artigo faz uma revisão bibliográfica sobre a educação cooperativa, trazendo sua importância e desafios, para as peculiaridades dos empreendimentos cooperativos, destacando a importância da Organização do Quadro Social (OQS) como ferramenta de educação. Desse modo, torna-se inevitável trazer para discussão a distinção entre educação cooperativa e capacitação. Na pesquisa de campo foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com o aporte de um formulário semiestruturado, com questões abertas e fechadas, tendo por finalidade contribuir para o objetivo da pesquisa: levantar as atividades, programas e ações de educação cooperativa que o Sistema OCB-SESCOOP-PA desenvolveu nos anos de 2014 e 2015 para suas cooperativas filiadas, e compará-las com as atividades de educação cooperativa desenvolvidas por duas cooperativas localizadas na cidade de Belém.

Palavras Chave: Educação Cooperativa, Capacitação, Cooperativismo, Cooperado.

Abstrat: The article makes a literature review on cooperative education, bringing their importance and challenges to the peculiarities of cooperative enterprises, highlighting the importance of the Membership Organization (OQS) as an important education tool. Thus, it becomes inevitable to bring into question the distinction between cooperative education and training. In the field research were conducted semi-structured interviews with the contribution of a semistructured form with open and closed questions, with the aim of contributing to the research objective: raising activities, education programs and actions cooperative that the SISTEMA OCB-SESCOOP/PA developed in the years 2014 and 2015 for its member cooperatives, and compare them with the cooperative education activities for two cooperatives located in the city of Belém.

Keywords: Corporate Education, Training, Cooperatives, Cooperative.

1. Introdução

Para esta pesquisa buscou-se trazer à discussão um tema que consideramos um desafio para as cooperativas: A Educação Cooperativa. Para se chegar de fato na discussão sobre o assunto teve-se que fazer sua contextualização histórica e uma breve distinção entre Educação Cooperativa e Cooperativista, desta forma compreendendo suas peculiaridades, porém admitindo que são complementares.

Acreditamos que uma educação voltada para as cooperativas ajuda a desenvolver o cooperativismo, pois faz parte de sua doutrina, através do quinto princípio cooperativo: Educação, Formação e Informação. É através da educação aqui em questão, que os cooperados compreendem o sistema cooperativo e a sua própria cooperativa, estes compreenderão seus papéis e responsabilidades, buscando serem ativos na vida de seu empreendimento (FERREIRA, 2009).

O gargalo encontra-se no despertar do interesse do sócio para um efetivo comprometimento, pois os resultados da educação cooperativa são vistos à longo prazo.

Sendo assim, deve ser revisada, adequada, experimentada despida de qualquer preconceito, pois ela é inesgotável (SCHNEIDER & HENDGES, 2006).

A dupla natureza dos empreendimentos cooperativos, desperta a necessidade dos associados em participarem politicamente da sua condução, e da natureza empresarial nasce à necessidade destes participarem economicamente da cooperativa, o que destaca a necessidade e importância da educação (VALADARES, 2005).

Neste trabalho também foi abordado à importância da Organização do Quadro Social (OQS), pois segundo Ferreira (2009), esta é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento de um trabalho educativo de capacitação e formação dos cooperados, o que irá contribuir para suas maiores participações na organização. A OQS é uma ferramenta organizadora da gestão social da cooperativa. Logo, distinguir educação cooperativa de capacitação é essencial, uma vez que a educação se aproxima das cooperativas enquanto sua dimensão de pessoas e a capacitação na sua dimensão empresarial.

Metodologicamente, essa pesquisa é de natureza qualitativa, e para sua realização optou-se por uma entrevista semiestruturada, com o apoio de um formulário semiestruturado com questões abertas e fechadas, além de um gravador. Assim, conseguindo o máximo de informações relevantes para cumprir com o objetivo principal da pesquisa: levantar as atividades, programas e ações de educação cooperativa que a OCB-SESCOOP-PA desenvolveu nos anos de 2014 e 2015 e compará-las com as atividades de educação cooperativa desenvolvidas por duas cooperativas da região metropolitana de Belém, capital do estado do Pará.

2. A Educação Cooperativa como Propagação e Perpetuação do Cooperativismo.

Ao resgatar os aspectos históricos da educação cooperativa, faz-se necessário lembrar do pensamento de Robert Owen¹, que acreditava na educação como algo

¹ Industrial inglês considerado um dos mais importantes socialistas utópicos mediante a criação de várias comunidades industriais. Sua contribuição nasceu da sua experiência em uma fábrica de fios na Escócia, onde observou que as pessoas trabalhavam e viviam em péssimas condições de higiene e moradia. Tornou-se sócio da empresa (1800) e instalou uma comunidade inspirada nos ideais utópicos: melhorou as casas, criou um armazém em que se podiam comprar mercadorias a menor preço, promoveu o estrito controle das bebidas alcoólicas reduzindo o vício e o crime, e fundou a primeira escola maternal britânica (1816). Montou uma fábrica no centro de uma comunidade operária (1817) e promoveu a organização de serviços comunitários de educação, saúde e assistência social. A comunidade passou, então, a se autogerir com todos os integrantes pertencendo à mesma classe. No lugar de dinheiro circulavam vales correspondentes ao número de horas trabalhadas. Empenhou-se junto aos poderes públicos para melhorar

fundamental para melhorar o caráter das pessoas, assim deixando evidente seu posicionamento da importância da educação para formação de um homem novo a favor de um novo mundo moral, com isso pôde influenciar positivamente os pioneiros da Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale². Influência essa observada em reuniões realizadas para se discutir assuntos de interesse coletivo, tais como: progresso do bem-estar humano e eliminação de condições adversas de trabalho sofridas pela classe operária. T tamanha importância teve essas reuniões que delas emergiu, em 1849, um Comitê, que mais tarde deu origem ao Departamento de Educação, e em meados de 1859, na reforma do estatuto da cooperativa, foi estabelecido se destinar 2,5% dos excedentes para um fundo de educação³. Com isso houve um maior fluxo de atividades de educação e capacitação para associados e suas respectivas famílias, além disso, a cooperativa criou sua biblioteca, que dispunha de aproximadamente sete mil volumes e dez salas de leitura em bairros operários.

Baseado em Schneider (2003), podemos entender que os meios pelos quais ocorre a transmissão das ideias, valores e princípios do cooperativismo são por processos educativos. Para se compreender melhor essa discussão é importante destacar que o Sindicato e Organização das Cooperativas Brasileiras, admite que o cooperativismo, pode ser considerado um movimento filosófico de vida e um modelo socioeconômico com a capacidade de unir tanto desenvolvimento econômico quanto bem-estar social, sempre evidenciando seus referenciais fundamentais de participação democrática, solidariedade, independência e autonomia. E para cumprir com seus objetivos, faz uso de sete princípios norteadores: 1) Adesão Voluntária e Livre, 2) Gestão democrática, 3) Participação econômica dos membros, 4) Autonomia e Independência, 5) Educação, Formação e Informação, 6) Inter cooperação e 7) Interesse pela comunidade (ACI, 2014).

as condições de trabalho, reduzir a jornada e regulamentar o trabalho de menores, pregou a formação de cidades-cooperativas, ou comunidades autônomas de trabalhadores, como solução para a questão social. No Reino Unido (1829) organizou uma rede de cooperativas e um sistema de bolsas de trabalho e promoveu uma vasta união sindical (1834). Tornou-se espiritualista (1852) e morreu em sua cidade natal. Seu livro mais importante foi *The New Moral World* (1834-1845) e foi o primeiro a usar a palavra *socialismo*, para denominar sua doutrina (UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPO GRANDE, s/a).

² Primeira cooperativa formalmente constituída (SILVA & PERTALY, 2015, p. 143).

³ Atualmente, segundo a legislação cooperativa brasileira (Lei nº 5.764, de 16 de Dezembro de 1971), 5% desde excedente obrigatoriamente têm que ser destinados à educação cooperativa, à assistência técnica e social, ou seja, ao Fundo FATES, e conforme o preveem os estatutos internos (SCHNEIDER, 2010).

Quando falamos de Educação Cooperativa é comum que usemos como sinônimo a Educação Cooperativista, porém acreditamos ser relevante fazer essa distinção. Logo, Valadares (2005) define Educação cooperativista como:

Um processo e um método para formular e executar políticas de educação cujas características se referem a aspectos essenciais à prática da cooperação: a gestão democrática. Compreende o processo propriamente dito de preparação e adoção de planos e estratégias por decisões das bases cooperativistas e dos dirigentes e sua execução por parte do órgão responsável pela administração do serviço educacional e pelo esquema de organização comunitária adotado pela cooperativa (VALADARES, 2005, p.33).

Já a Educação Cooperativa é entendida por Schneider (2010) como:

Um conjunto de ensinamentos que não só proporcionam maior aporte cultural aos envolvidos, mas trabalham valores, princípios e normas e, neste caso, os do cooperativismo, ou seja, uma educação voltada ao desenvolvimento da pessoa humana, plenamente consciente do seu papel e de sua responsabilidade na cooperativa e conseqüentemente na sociedade, uma pessoa solidária e altruísta, comprometida por relações de reconhecimento com sua comunidade” (SCHNEIDER, 2010, p. 30 31).

Portanto, neste trabalho, não utilizaremos a Educação Cooperativista e Cooperativa como iguais, mas como algo que se complementam.

3. Educação Cooperativa: Importância e desafios.

Ferreira (2009) reconhece a Educação voltada para as cooperativas como um dos pilares de sustentação do desenvolvimento cooperativo, uma vez que faz parte da doutrina cooperativista, além de ser também uma necessidade explícita nessas organizações. Percebe-se assim que a educação é o principal instrumento que o cooperativismo deve utilizar para promoção do seu desenvolvimento. Este se acentua na medida em que todos os envolvidos na cooperativa começam a compreender verdadeiramente o cooperativismo e a sua cooperativa, só assim poderão exercer seu papel de forma autêntica e cumprir com eficiência suas responsabilidades, ou seja, serão indivíduos participativos na vida de suas organizações e como consequência, terão compromisso com a gestão.

Para Hendges e Schneider (2006), a educação cooperativista é tida como conhecimento. Assim, para que alguém faça parte do quadro social de uma cooperativa, é indispensável que conheça princípios, valores e regras que dão suporte ao movimento cooperativo, além da relevância de se entender o empreendimento econômico e social

do qual estará fazendo parte. Desta forma acredita-se que é papel da própria cooperativa proporcionar a seus futuros sócios uma abordagem sobre a filosofia cooperativista, pois é [...] “mais fácil formar uma estrutura cooperativa do que formar cooperados” (FERREIRA, 2009).

Schneider (2006) admite que a dificuldade encontra-se em despertar o interesse do sócio para o comprometimento, uma vez que de modo geral as pessoas tendem a querer resultados imediatos, e imediatismo não é característica da educação cooperativa. Contrapondo esta ideia, acredita-se que ela seja inesgotável e deve sempre ser revisada, experimentada, despidendo-se de qualquer forma de discriminação, seja ela por gênero, raça, cor e idade, ou seja, nada impede sua evolução, portanto esta deve seguir seu percurso (SCHNEIDER e HENDGES, 2006).

Schneider (2003) observa a importância de se formar cooperadores antes de criar cooperativas, pois a inexperiência nos negócios, dos indivíduos envolvidos no empreendimento cooperativo, em razão do desconhecimento dos princípios, valores e normas, é um grande obstáculo para o desenvolvimento do cooperativismo.

O autor (2003) defende que na ausência de educação específica, as cooperativas desvirtuam-se de seus princípios básicos, podendo até serem absorvidas pelo mercado. com a educação pretende-se mudar o perfil do cooperado desinformado, desinteressado, desestimulado, não participativo, competitivo, individualista, para um perfil de cooperado bem informado, motivado, participativo e solidário. Mudar o perfil desse cooperado é uma árdua tarefa, pois as pessoas crescem num contexto de concorrência e individualismo, logo percebemos que não se consegue mudar o espírito competitivo de alguém para o de ajuda mútua de uma hora para outra, o que firma o caráter permanente da educação cooperativa, uma vez que seus resultados são observados, geralmente, a médio e longo prazo.

Para Valadares (2005), às organizações cooperativas possuem uma atribuição de dupla natureza, uma vez que possui funções econômicas e sócio-políticas; onde aquela (econômicas) põe em destaque a competitividade das cooperativas e conseqüentemente sua estabilidade mercadológica, já a sócio-políticas prioriza a ideologia cooperativa. Logo, a dupla natureza é a fiel tentativa de unificação dessas duas interpretações antagônicas, defendido que se de um lado as cooperativas são instrumentos econômicos com conseqüências sociais, do outro são instrumentos sociais com conseqüências econômicas.

Contudo, o mesmo autor (2005), observa a singularidade desse tipo de organização justamente na sua dupla natureza, onde da natureza associativa nasce à necessidade dos associados em participarem politicamente da condução do empreendimento e da natureza empresarial nasce à necessidade dos associados participarem economicamente da cooperativa. Para que haja eficiência na cooperativa é necessário cumprir esses aspectos, desta forma a educação cooperativa torna-se um elemento essencial para sua administração, tanto para promover o controle democrático quanto para o estreitamento das relações entre cooperado e cooperativa. Nesse mesmo viés, podemos afirmar que o controle democrático ou gestão democrática se alicerça na relação do corpo associativo junto à cooperativa, o que é vital para o seu sucesso, assim atendendo os interesses e necessidades econômicas individuais dos sócios. Logo, a viabilidade da participação política e econômica dos cooperados é um dos gargalos na condução dos empreendimentos cooperativos, o que desafia a sua gestão a encontrar melhores formas administrativas para operacionalizá-las.

Para Valadares (2005), a participação dos associados na condução do empreendimento não deve ser imposta, mas sim acontecer de forma espontânea, sendo expressa em atividades solidárias que os permita compartilhar direitos e deveres com os demais membros. Esta espontaneidade é a concretização ou materialização de valores que se tornaram inerentes a sua consciência cooperativa, logo permitindo com que este seja um exímio apoiador da cooperativa, por se sentir parte e saber que esta é também sua propriedade, desta forma valorizando-a e fazendo-a prosperar.

Assim, foi possível identificar que o desenvolvimento da cooperativa é diretamente proporcional a atividade de educação cooperativista desenvolvida, pois quando falamos de avanço, estagnação ou até mesmo retrocesso do processo cooperativo, estamos falando também da eficácia do trabalho de educação cooperativista. Com a inexistência de um eficiente sistema de educação cooperativa entre sócios, dirigentes e funcionários, que esteja voltado para o interesse real da organização, prejudica os associados se perceberem como proprietário e usuário desse empreendimento, este por sua vez acaba se afastando de forma gradativa de sua principal função: prestar serviços aos seus cooperados. O que pode transformar ou estabelecer a cooperativa como uma empresa como outra qualquer, que valoriza apenas a dimensão econômica, deixando a dimensão social para outros planos. (VALADARES, 2005).

Porém, quando é efetivamente desenvolvida, à educação cooperativa proporciona aos cooperados enxergarem problemas, realizações e projetos de sua organização, permitindo-os também ser ouvidos pela diretoria, com isso existindo reciprocidade na troca de informações entre presidência, diretoria e base. Contudo, é indispensável à sensibilização de administradores e gestores de cooperativas, para a importância da integração do cooperado à cooperativa, sempre levando em consideração que os resultados dessa educação quase sempre são vistos a médio e longo prazo, e que também poderão ser avaliados de forma qualitativa e não quantitativa. (VALADARES, 2005).

Vale deixar claro que a educação cooperativista não é limitada a pregações de doutrina e princípios cooperativistas, ela vai ao âmago da questão de formação consciente do cooperado em sua interação na vida da sociedade cooperativa, assim buscando a participação do quadro social o que vai viabilizá-la como empresa, e o que vai dar condições da mesma competir no mercado e promover seu desenvolvimento organizacional, estrutural e econômico. Pois jamais podemos desassociar a participação social da eficiência empresarial da cooperativa, logo para que se alcance participação efetiva e racional, a cooperativa deve estar aberta para o diálogo, pois acredita-se que na ausência de cooperados participantes não há cooperativas sólidas (VALADARES, 2005).

Amodeo (2006) chama atenção para o esforço dedicado a melhorar competitividade dos empreendimentos cooperativos, pois geralmente tendem a ficarem similares a empresas não cooperativas, uma vez que há uma crença de que para se tornar mais competitiva a empresa deve ser menos cooperativa. Sendo assim, é sabido que as cooperativas possuem uma identidade específica, as mudanças provocadas pela competição do mercado promove apenas o lado empresarial da organização, o que pode distorcer a própria identidade da cooperativa, o que piora quando a gestão social é deixada de lado.

Nesta perspectiva, Oliveira (2006) destaca que as cooperativas enfrentam um problema com a falta de educação cooperativa com os cooperados, pois isso provoca uma ruptura desse sócio com a cooperativa, assim ela perde sua principal força diante da competitividade, pois os cooperados podem ser tanto fornecedores como clientes.

Amodeo (1999) destaca que tanto o lado social e empresarial da cooperativa são duas faces da mesma moeda, logo devem ser desenvolvidas de maneira igual, desta forma as cooperativas quando competitivas no mercado não devem deixar de incentivar

uma estreita relação com os sócios do empreendimento, assim incentivando suas participações nas decisões do rumo da organização, o que valoriza seu desenvolvimento socioeconômico.

3.1. A Organização do Quadro Social como prática institucional de participação e conscientização da Educação Cooperativa

Em seus estudos acerca da educação cooperativista no estado de Minas Gerais, Ferreira (2009) ressalta que a Organização do Quadro Social (OQS) é uma atividade com relevância por parte dos colocutores das cooperativas e pelos órgãos de representação do sistema cooperativo, pelo fato de ser uma ferramenta essencial para o desenvolvimento de um trabalho educativo de capacitação e formação dos cooperados, o que irá contribuir para uma maior participação desses cooperados na organização, pois a OQS é uma ferramenta organizadora, também, da gestão social da cooperativa. Quando conduzida de maneira correta, essa atividade viabiliza espaços de capacitação e participação do quadro social, o que aumenta significativamente a participação dos sócios nas tomadas de decisões e na gestão social da cooperativa.

A autora (2009) afirma que a prática de OQS garante uma nova instância de participação, visto que é menos formal que uma assembleia na organização. Maximiza o exercício do poder na cooperativa, apontando para diversas formas de gestão democrática e de novas maneiras de fazer os sócios aumentarem suas participações no cotidiano de suas cooperativas. Geralmente esse trabalho proporciona a organização de comissões na área em que a cooperativa exerce influência, e é formado por cooperados que se reúnem para obterem maiores informações da cooperativa, dos seus produtos e serviços. Nesse espaço discute-se questões do interesse do sócio relativo à organização, podendo também está recebendo capacitação em áreas distintas de conhecimento (FERREIRA, 2009).

Para Valadares (1996), as práticas relacionadas à Organização do Quadro Social são viabilizadas por estratégias institucionais, como o Comitê Educativo, sempre na direção da ampliação do envolvimento de diferentes grupos de associados no processo de tomada de decisão e na condução da gestão empresarial da cooperativa, porém é importante salientar que há implicações políticas entre grupos dominantes e dominados nos espaços regionais onde atua a cooperativa.

Ainda na perspectiva de Valadares (1996), essa prática educativa apresenta para o grupo dominado a possibilidade de acessar bens e serviços oferecidos pela cooperativa, o que ameaça aquele grupo dominante, pois com a introdução desses novos atores sociais existe também uma participação mais ativa nos processos de decisão da cooperativa. O que nos faz constatar que o uso dessa prática educativa pode ser comprometido por interesses alheios a seu funcionamento.

O Comitê Educativo anteriormente citado é vinculado ao Conselho de Administração e assume a responsabilidade de atividades inerentes ao desenvolvimento político e social dos cooperados, assim os preparando, através das atividades de capacitação, para atuarem como legítimos donos e usuários do empreendimento cooperativo. Porém o inchaço no número de sócios provoca um distanciamento entre o cooperado e sua cooperativa, o que inviabiliza sua efetiva participação. Com isso muitas cooperativas estão buscando estratégias para driblar esse problema, e uma delas é o estabelecimento institucional de subgrupos em determinadas localidades pertencentes ao raio de atuação da cooperativa, com o objetivo específico de aproximar e melhorar a condição de participação desse cooperado distanciado, pois a OQS é um canal que o cooperado deve se expressar e constituir comunicação direta entre dirigentes a demais cooperados (FERREIRA, 2009).

Para tanto, faz necessário diferenciar educação cooperativa de capacitação cooperativa, já que muitas vezes se faz capacitação cooperativa como sinônimo de educação cooperativa. Para isso nos baseamos em Schneider, Herndges & Silva (2010), pois em seus estudos sobre desafios no desempenho da educação cooperativa, entende-se que esta possui um arcabouço de ensinamentos que proporcionam maior bagagem cultural aos seus envolvidos, além de trabalhar princípios, valores e normas do cooperativismo, o que aponta para uma educação voltada para desenvolver um ser humano consciente da sua responsabilidade e do seu real papel no empreendimento cooperativo, o que irá fazê-lo também entender seu papel do meio social, além firmar-se como alguém solidário e altruísta, que possui comprometimento com sua comunidade.

Seguindo com o pensamento dos autores (2010), citados no parágrafo anterior, podemos compreender que o processo de formação envolve não apenas o desenvolvimento profissional, mas também o pessoal. Logo um processo formativo abraça todo um sistema organizado, com a existência de sujeitos em preparação profissional, quanto aqueles já atuantes.

Entende-se que a capacitação, é um conjunto de métodos e ensinamentos com destinação às pessoas, na intenção de que se desempenhe, com maior qualidade e eficiência, ou seja, o trabalho. Porém, não se deve reduzi-la a um adestramento, quando na verdade ela possibilita um aperfeiçoamento das capacidades individuais, o que a aproxima da formação (SCHNEIDER, HERNDGES e SILVA, 2010).

A perspectiva de educação aqui apresentada aproxima-se das cooperativas enquanto sua dimensão de pessoas e a capacitação na sua dimensão empresarial. Os autores trabalhados nesse capítulo, acreditam que a formação e capacitação atuam de forma técnica tanto nos métodos quanto nos procedimentos inerentes a uma gestão eficiente da cooperativa, desta forma percebemos que ambas são instrumentos do cooperativismo. Mas vale evidenciar que para eles a educação abraça a formação no que tange a visão de mundo, formação de valores e princípios, das normas e suas aplicações nos âmbitos econômicos, sociais, políticos e culturais de cada lugar. Desta forma a educação relaciona-se com valores, princípios e normas, enquanto a formação e capacitação com a profissionalização. Utilizando técnicas e procedimentos tecnológicos, como recurso metodológico, se entende a dinâmica da educação e capacitação nas cooperativas, desta forma podendo também serem verificadas no cotidiano do processo cooperativo, podendo definir se capacitação ou educação têm prioridade na realidade do empreendimento.

4. Metodologia utilizada para o levantamento das informações com as instituições envolvidas na pesquisa.

Este artigo foi elaborado sob o enfoque de uma pesquisa qualitativa, que segundo Godoy (1995) este tipo de pesquisa não se preocupa em enumerar eventos estudados e também não emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte das questões ou focos de interesse amplo, que se definem na medida em que o estudo se desenvolve. Logo, envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes na situação em estudo. O autor (1995) compreende que esse tipo de pesquisa é sinônimo da chamada pesquisa de campo, termo utilizado para diferenciar os estudos conduzidos em campo, ou seja, no ambiente natural ou laboral dos sujeitos,

daqueles desenvolvidos em situações de laboratório ou de ambientes controlados por investigador.

Ainda na perspectiva de Godoy (1995), esse tipo de pesquisa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental. Desta forma, os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem valoriza-se o contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada. Godoy (1995) também afirma que no trabalho intensivo de campo, os dados são coletados através de equipamentos como gravadores ou, simplesmente, fazendo-se anotações.

A pesquisa qualitativa é descritiva, pois a palavra escrita ocupa lugar de destaque nessa abordagem, desempenhando um papel fundamental tanto no processo de obtenção dos dados quanto na disseminação dos resultados (GODOY, 1995). Os dados coletados podem aparecer sob a forma de transcrições de entrevistas, anotações de campo, fotografias, gravações, desenhos e vários tipos de documentos. Visando à compreensão ampla do fenômeno que está sendo estudado, considera que todos os dados da realidade são importantes e devem ser examinados. O ambiente e as pessoas nele inseridas devem ser olhados holisticamente: não são reduzidos a variáveis, mas observados como um todo. (GODOY, 1995)

Os dados obtidos nesta pesquisa foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, e para isso foi utilizado um gravador e o aporte de um formulário semiestruturado, junto aos sujeitos, no caso dois presidentes e uma diretora, de três organizações: Sindicato e Organização das Cooperativas Brasileiras do Estado do Pará e do Serviço Nacional de Aprendizagem Cooperativista no Estado do Pará (OCB-SESCOOP-PA), Cooperativa dos Taxistas da Doca (COOPERDOCA) e Cooperativa de Poupança e Crédito de Livre Admissão de Associados das Regiões Norte e Nordeste do Pará (SICCOB UNIDAS). O que de acordo com Barros & Lehfeld (2000), significa um procedimento formal de se obter informações, uma vez que a entrevista semiestruturada proporciona uma conversa amigável com quem está sendo entrevistado, porém mantendo o foco no levantamento de dados para serem utilizados em uma análise qualitativa, levando em conta os aspectos mais importantes para o objetivo da pesquisa.

Para justificar o uso do formulário nos apoiamos em Marconi e Lakatos (2003, p. 212), que acreditam que o formulário proporciona “o contato face a face entre pesquisador e informante, sendo o roteiro de perguntas preenchido pelo pesquisador no

momento da entrevista”. Desta forma o formulário também pode ser entendido como instrumento de pesquisa, encontra-se entre o questionário e a entrevista, sendo indicado para pesquisas de opinião pública e de mercado (GIL, 2002). Sendo assim, pode ser utilizado em todos os segmentos da população, logo a presença do pesquisador favorece o esclarecimento de eventuais dúvidas, o que pode flexibilizar e ajustar as necessidades da situação, assim conseguindo extrair dados complexos, facilitando a aquisição de um número representativo de participantes e proporcionando uma uniformidade nos símbolos utilizados no momento do preenchimento. (MARCONI & LAKATOS, 2003)

As entrevistas foram registradas com o uso de um gravador, objetivando garantir a autenticidade dos depoimentos representados pela fala dos entrevistados e transcritas com consentimento. Conforme Pádua (1997) a entrevista é algo mais usual no trabalho de campo, pois o pesquisador busca informações na fala dos atores, sendo assim, não é uma conversa neutra e despretensiosa, pois os fatos relatados serão transcritos fidedignamente; os entrevistados são sujeitos-objetos da pesquisa, uma vez que vivenciam a realidade focalizada.

Para o agendamento das entrevistas foram realizados contatos telefônicos com os sujeitos. Todos optaram por realizá-las em suas sedes, na cidade de Belém, capital do estado do Pará. Todos os entrevistados concordaram em conceder as entrevistas desde que seus nomes fossem mantidos em anonimato, assim nós fomos respaldados com um termo de livre esclarecimento e consentimento.

5. Caracterização das instituições envolvidas na pesquisa e apresentação dos resultados com base na entrevista.

a) SISTEMA OCB-SESCOOP/PA

O Sindicato e Organização das Cooperativas Brasileiras do Estado do Pará (OCB – PA) é uma instituição jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, criada pela Lei 5.764/71 (Legislação Cooperativista), que representa e defende os interesses sindicais (na condição de sindicato patronal), econômicos, políticos e sociais das cooperativas do Estado do Pará. Desde que foi criada, em 1973, tem contribuído de forma significativa para a consolidação do cooperativismo paraense. Têm a missão de ser referencial do cooperativismo do Estado do Pará, de sua identidade, estimulando a intercooperação e ampliando a sua participação socioeconômica, com valores fincados

em representar e fortalecer o cooperativismo, de sua identidade, estimulando e reconhecendo sua diversidade. (OCB-PA, s/a)

O Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP) é uma instituição jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, integrante do sistema S, criada pela Medida Provisória 1.715/98 e pelo Decreto 3.017/99. É responsável pelo ensino, capacitação profissional, monitoramento e promoção social dos cooperados, seus familiares, e trabalhadores das cooperativas. Vincula-se, em nível nacional, à Organização das Cooperativas Brasileiras e, em nível estadual, ao SISTEMA OCB-PA. Possui a missão de promover o cooperativismo, a capacitação, a formação profissional, a autogestão e o desenvolvimento social nas cooperativas, com visão de ser o agente formador e propulsor do desenvolvimento do cooperativismo.

O SISTEMA OCB-SESCOOP/PA tem o objetivo de monitorar as cooperativas para melhorar sua gestão, administrar e executar o ensino de formação profissional cooperativista, promover socialmente os trabalhadores e os associados das cooperativas em todo o estado e assessorar o Governo em assuntos de formação profissional e de gestão cooperativista. Desenvolve atividades para manter serviços de apoio na consolidação do ideal cooperativista, dentro e fora do país e na formação de recursos humanos; promover a integração e o fortalecimento do cooperativismo como setor relevante; zelar pela doutrina e prática cooperativistas, sem discriminação política, social, religiosa e racial; fomentar e orientar a constituição de cooperativas de todos os ramos e prestar assessorias técnica-consultiva ao governo sobre as questões do cooperativismo. (OCB-PA, s/a)

Em 2014 e 2015 o SISTEMA OCB-SESCOOP/PA promoveu eventos e cursos com temas voltados para plano de negócio, gestão fiscal e financeira de contas a pagar e receber, conselho de administração, gestão de cooperativas de crédito, técnicas de cobrança, relacionamento interpessoal, orçamento familiar, conselho fiscal, governança, qualidade no atendimento e segurança.

Com base na entrevista realizada com o Presidente do SISTEMA OCB-SESCOOP/PA, ao questionarmos sobre a existência de incentivo junto às cooperativas de programas e ações de educação cooperativa: “sim, a nossa organização incentiva as cooperativas do estado a trabalharem com educação cooperativa” (Entrevistado do SISTEMA OCB-SESCOOP/PA), porém “apenas 30% das nossas cooperativas participam de nossas ações” (Entrevistado do SISTEMA OCB-SESCOOP/PA). E com relação à importância da educação cooperativa, nos disse que é “essencial para o

desenvolvimento dos empreendimentos cooperativos, pois é a motriz que vai alavancar o desenvolvimento das nossas cooperativas e o nosso amado estado a crescer” (Entrevistado do SISTEMA OCB-SESCOOP/PA), e considera que:

[...] os impactos desse trabalho no nosso público majoritário, que são os cooperados da diretoria, são totalmente positivos, porém [...] a gente se esforça para que todos sejam capacitados, tanto os cooperados quanto seus familiares, dirigentes e empregados (Entrevistado do SISTEMA OCB-SESCOOP/PA).

Sobre a participação dos cooperados nos programas e ações: “temos uma evasão de 10% apenas nas nossas ações” (Entrevistado do SISTEMA OCB-SESCOOP/PA).

É importante frisar que para a instituição a educação cooperativa:

[...] educação cooperativa melhora e muito a comunicação entre os associados e as suas cooperativas, eu observo que ela proporciona um maior envolvimento desses cooperados nas decisões, eles aprendem mais sobre os princípios e os valores do cooperativismo, também melhora muito a parte técnica dos cooperados, não só isso, mas principalmente a parte econômica, a parte financeira das cooperativas (Entrevistado do SISTEMA OCB-SESCOOP/PA).

Quando o assunto é Organização do Quadro Social (OQS), o órgão esclarece que: “Carlos nós enfrentamos tanta dificuldade para envolver a família dos cooperados nisso” (Entrevistado do SISTEMA OCB-SESCOOP/PA), e sobre o incentivo oferecido afirma que “apenas 10% das nossas cooperativas, aqui do estado, adotam essa prática, que são feitas nos núcleos locais” (Entrevistado do SISTEMA OCB-SESCOOP/PA). Sobre o avanço dessa prática acredita-se que: “essa Organização do Quadro não avança porque não temos gente qualificada ou treinada para fazer esse tipo de trabalho” (Entrevistado do SISTEMA OCB-SESCOOP/PA), porém afirma-se que “se a gente fizer parcerias com as Universidades podemos mudar essa realidade” (Entrevistado do SISTEMA OCB-SESCOOP/PA).

Quando indagado sobre o principal problema que o órgão enfrenta para envolver os cooperados em práticas de educação cooperativa, afirma-se que: “a cultura é o principal problema que a nós temos para inserir as cooperativas nos nossos programas” (Entrevistado do SISTEMA OCB-SESCOOP/PA), pois conforme o entrevistado ainda “não existe uma educação eficiente e eficaz que chegue até os cooperados para romper com as barreiras do passado e faze-los olharem para uma nova forma de pensar, trabalhar e produzir” (Entrevistado do SISTEMA OCB-SESCOOP/PA).

Na entrevista também foi percebido que a idade avançada dos cooperados os impede de não conseguirem:

[...] inserir seus filhos na cooperativa, a gente acredita ser necessário despertar o interesse dos jovens pelo trabalho cooperativo, então é preciso desenvolver programas que voltem à atenção desse jovem para as cooperativas, e se possível também o daqueles que ainda não tiveram nenhum tipo de contato com o cooperativismo. Por isso, estamos desenvolvendo três programas: Um voltado para os jovens, outro voltado para o gênero e um terceiro voltado para o idoso. Com eles pretendemos quebrar a barreira cultural e aproximar as famílias, principalmente os jovens, das cooperativas. (Entrevistado do SISTEMA OCB-SESCOOP/PA).

Em relação à eficácia da educação cooperativa no dia-a-dia das cooperativas a organização declara que:

Acreditamos num cooperativismo não paternalista, mas num cooperativismo mais empresarial e profissional, dotado de indivíduos capacitados para prepararem outras pessoas capazes de produzirem alimentos e executem serviços de qualidade, além disso [...] preparando eles para o mercado e para vida. Nessa questão dos alimentos, nós percebemos que nos anos de 2014 e 2015, tivemos uma gama de cooperativas se habilitando a trabalhar com o programa nacional de alimentação escolar e com o programa de aquisição de alimentos, vendendo pra merenda escolar, implantando beneficiadoras de fruta, investindo em área de tecnologia para beneficiamentos de seus produtos (Entrevistado do SISTEMA OCB-SESCOOP/PA).

Em relação aos pontos positivos e negativos das cooperativas vinculadas a organização afirma-se que:

As nossas cooperativas contam com o tamanho do estado como um forte diferencial, o meu estado [...] oferece um cenário favorável para os negócios, porém esse mesmo diferencial também atrapalha quando se fala na logística. (Entrevistado do SISTEMA OCB-SESCOOP/PA).

O órgão admite que apesar do esforço despendido para que as cooperativas do estado tenham êxito, o que realmente impulsiona e fortalece as cooperativas do estado do Pará é força povo.

b) Cooperativa dos Taxistas da Doca – COOPERDOCA

A cooperativa dos Taxistas da Doca (COOPERDOCA) é atualmente líder no mercado em seu segmento, para manter-se nesse lugar busca novas e melhores formas de aperfeiçoamento do seu serviço, sempre prezando seus critérios: segurança, conforto, eficiência e preço justo. Dispõe hoje de uma frota de 150 veículos novos, distribuídos estrategicamente em vários pontos da capital paraense, o que permite atender seus clientes com agilidade.

Nos anos de 1990 a cooperativa surgiu no mercado com 50 cooperados, dos quais 25% trabalhavam no período noturno, que almejavam desde então conquistar sua sede própria. Com o serviço diferenciado, à cooperativa teve boa aceitação no mercado

local e conseqüentemente grande procura, logo foi percebida a necessidade de se implantar um sistema de rádio-taxi, porém somente em janeiro de 2006 a ANATEL (Agência Nacional de Telecomunicações) autorizou esse serviço na cooperativa e para que a rádio-taxi COOPERDOCA viesse a existir foram gastos 80 mil reais.

Para conseguir manter-se ativa por 26 anos, a cooperativa além de oferecer qualidade nos seus serviços junto aos clientes, valoriza seus cooperados; estes são ouvidos para que possíveis dificuldades enfrentadas pela cooperativa no dia-a-dia sejam detectadas, assim percebendo a deficiência do empreendimento para que se possa melhorar. Administrativamente a cooperativa possui um conselho diretor, presidente, setor de recursos humanos e regimento interno para regular as condutas dos cooperados.

Hoje a cooperativa oferece aos clientes atendimento 24 horas, conta com o suporte de um aplicativo e aceita pagamento com cartão de crédito.

Com a entrevista realizada com o presidente da cooperativa foi possível constatar que em relação à participação da organização nos programas e ações de educação cooperativa, oferecidos pelo SISTEMA OCB-SESCOOP/PA:

A Cooperativa participa às vezes, sim, desses programas e ações de educação lá do SESCOOP e da OCB, essas coisas são ofertadas como palestras e cursos sobre o cooperativismo, mas eu não percebo um incentivo, algo forte por parte deles, na verdade eu conheço a OCB tem uns 15 dias (Entrevistado da COOPERDOCA).

Em relação aos resultados da educação, não foi possível saber se são positivos ou negativos, pois de acordo com o entrevistado os cooperados “não têm interesse em participar desse tipo de iniciativa, mas tem pouco tempo aí, que o Conselho fiscal passou por uma capacitação” (Entrevistado da COOPERDOCA). A cooperativa também não pôde informar os possíveis resultados da educação cooperativa no dia-a-dia da cooperativa, sendo assim: “eu não sei te falar ao certo mesmo, os impactos da educação cooperativa” (Entrevistado da COOPERDOCA).

Quando se fala em Organização do Quadro Social (OQS) a Cooperativa desconhece essa ferramenta, pois: “eu já ouvi falar, mas não sei o que é e nem para que serve. Aqui eles lá da OCB não incentivam isso não, a gente não usa” (Entrevistado da COOPERDOCA). O que ocasiona um desconhecimento por parte dos cooperados em relação à compreensão da Organização do Quadro Social para uma efetiva participação do cooperado na cooperativa.

Quando questionado sobre a importância da educação cooperativa para o desenvolvimento do sistema cooperativo e para sua organização, afirma-se que:

A Educação Cooperativa, [...] serve para que o cooperado saiba seu papel e conheça mais sobre o cooperativismo, com certeza isso melhora a comunicação entre todos nós aqui, e pode até envolver mais eles nas decisões. Mas a participação dos nossos cooperados nessas atividades de educação é ruim, porque como já te falei Carlos, eles não têm interesse de participar, não adianta (Entrevistado da COOPERDOCA).

Para esse empreendimento cooperativo a educação cooperativa “tem importância, pois é através dela que eles e suas famílias vão entender mesmo, sobre o negócio que eles estão metidos” (Entrevistado da COOPERDOCA).

c) Cooperativa de poupança e crédito de livre admissão de associados das regiões Norte e Nordeste do Pará - SICCOB UNIDAS

O ano de 2015 foi um marco na história do cooperativismo de crédito do SICCOB no estado do Pará, porque em 09 de fevereiro deste ano, aconteceu a união de duas Centrais de Cooperativas de Crédito (SICCOB CENTRAL AMAZÔNIA e SICCOB CENTRAL PARANÁ), originando o SICCOB CENTRAL UNICOOB. Ainda neste ano, no dia 01 de maio, motivadas pela união das Centrais, oito cooperativas singulares, através de suas lideranças, em uma iniciativa inédita do cooperativismo de crédito no Brasil, promoveram através de um processo de incorporação, a união simultânea dessas cooperativas, onde a cooperativa SICCOB ELETROCRED incorporou outras sete cooperativas, SICCOB COOPERMATER, SICCOB FEDERAL, SICCOB COOPERAÇÃO, COOPERDADOS, COECELPA, COOCPRM e CREDIEDUC, dando origem a SICCOB UNIDAS.

Em dezembro de 2015 houve a homologação dos atos de incorporação pelo Banco Central do Brasil e no dia 12 de Janeiro de 2016 o novo Conselho de Administração e Conselho Fiscal tomaram posse, dando início a um novo ciclo de cooperação aos 4.200 sócios fundadores do SICCOB UNIDAS, quando passamos a atuar como cooperativa financeira de livre admissão na Região Norte e Nordeste do Estado do Pará.

As cooperativas do SICCOB são instituições financeiras sólidas, regulamentadas pelo Banco Central, e que oferecem todos os serviços e produtos de um banco para seus cooperados.

Muito mais do que prestar atendimento personalizado e oferecer soluções financeiras diferenciadas, o SICCOB tem compromisso com o sucesso dos seus associados. Isso porque, quando eles crescem e centralizam seus recursos na

cooperativa, permitem que a mesma reinvesta esse capital localmente, o que gera emprego e desenvolvimento socioeconômico para a região.

A cooperativa tem a missão de promover o cooperativismo financeiro, contribuindo para o desenvolvimento sustentável das comunidades, desta forma cumprindo sua visão de ser a principal instituição financeira do cooperado, reconhecida pela excelência operacional e propulsora do desenvolvimento das comunidades.

Através da entrevista realizada com uma cooperada membro da diretoria pôde-se constatar que em relação aos programas e ações desenvolvidos pelo SISTEMA OCB-SESCOOP/PA a cooperativa:

Aquí nós não participamos de nenhum programa, ação também não, relacionada com a educação cooperativa. Os nossos cooperados, de um modo geral, não demonstram interesse por estas coisas; a OCB até incentiva, mas não tem público, mas nós, enquanto cooperativa achamos importante participar dessas coisas, pois é uma ótima oportunidade de conhecer cooperativismo, além de assim habilitar os empregados da nossa cooperativa a desenvolverem com mais agilidade os financiamentos dos cooperados. No início da cooperativa houve participação da diretoria, dos conselheiros, dos empregados em palestras, que nos proporcionou ter noção do que é cooperativismo, alguns já tinham, mas tinha gente que não, pra nós essas ações que envolve educação cooperativa são totalmente positiva (Entrevistada da SICOOB UNIDAS).

Quando questionada sobre o motivo pelo qual não há interesse por parte dos cooperados em participarem dos programas e ações desenvolvidos pelo SISTEMA OCB-SESCOOP/PA percebeu-se que: “O desconhecimento total por parte dos associados é um fator que fez com que os nossos associados não participem das atividades da OCB, do SESCOOP, eles não sabem quando vai ter ação, programa, palestra, cursos, eles não tem interesse” (Entrevistada da SICOOB UNIDAS). O que provoca também um desconhecimento por parte da cooperativa do que seja Organização do Quadro Social, pois de acordo com a entrevistada: “eu não sei o que é isso, já ouvi falar, mas nunca vi, ouvi nada formal ou algum incentivo por parte da OCB em relação a isso, não sei se falar se essa iniciativa cabe aqui na nossa cooperativa” (Entrevistada da SICOOB UNIDAS).

Quando perguntada sobre os impactos da educação cooperativa no dia-a-dia da cooperativa:

Pra nós os impactos da educação cooperativa são muito positivos, principalmente se ela for focada nos serviços e produtos da nossa cooperativa, porque assim os nossos clientes seriam melhor educados financeiramente. Eles iam ter noção em não comprometer mais de 30% da sua renda (Entrevistada da SICOOB UNIDAS).

Em relação à importância da educação cooperativa para o empreendimento foi afirmado que:

Essa educação pode até possibilitar uma relação, uma melhor comunicação entre nós, ou melhor, entre a cooperativa e os associados, também pode espalhar entre nós os princípios do cooperativismo e também melhorar a nossa gestão econômica, gestão financeira. Penso que muito importante para desenvolver o dia-a-dia do nosso trabalho, pois no ramo de crédito, que é o nosso, existe muitos detalhes, muitas coisas peculiares que os nossos clientes não conhecem (Entrevistada da SICCOB UNIDAS).

6. Considerações Finais

Muitos são os desafios encontrados pelas cooperativas, mas a falta de uma educação cooperativa eficaz põe em risco a perpetuação do sistema cooperativo. Acredita-se que através dessa educação, os princípios e valores do cooperativismo são expressos, além de ajudar os sócios a encontrarem o equilíbrio necessário para se compreender a dupla natureza das cooperativas e permitir que o indivíduo entenda seu papel na cooperativa e na sociedade de que faz parte.

A falta de educação cooperativa leva o cooperado a não compreender seu papel ímpar no empreendimento, da sua importância para que a cooperativa continue ativa, cumprindo seu papel social. A não compreensão pode ocasionar seu afastamento do negócio. Porém, a educação cooperativa vai além de ensinar o cooperado a se manter na cooperativa, ela proporciona que este tenha uma nova visão do seu papel social, ela tem o poder de mudar um indivíduo individualista para um indivíduo mais solidário, logo, ela não faz acepções de pessoas, é democrática e jamais se esgota.

A Organização do Quadro Social (OQS) é uma forte ferramenta de educação, pois aproxima não apenas o cooperado da cooperativa, fazendo-o ser mais ativo nas decisões, mas aproxima um indivíduo do outro, criando laços de amizade, assim os fazendo entender o real sentido da cooperação, que é cooperar, interagir, trocar, se relacionar. Isso fortalece o cooperativismo e as cooperativas, pois são com espaços como os proporcionados pela OQS que os associados entendem que são proprietários, é ali muitas vezes, que percebem que sua palavra tem o mesmo peso que a dos outros, que sua pouca escolaridade não diminui seu poder de decisão, por exemplo.

Grande responsabilidade possui a educação cooperativa, mas não podemos esquecer que ela não acontece sozinha, que ela depende de um sujeito, de alguém que a possibilite. E as instituições de representação do cooperativismo como o SISTEMA

OCB-SESCOOP tem um papel fundamental nesse processo, ou pelo menos deveriam ter.

Ao realizar a entrevista no SISTEMA OCB-SESCOOP/PA, foi percebido boa vontade na existência de uma educação cooperativa eficaz, porém o problema se encontra no conceito de educação cooperativa e capacitação. Constatamos que esta organização realiza maciçamente capacitação, porém entende essas ações como educação, o que é algo extremamente perigoso para o desenvolvimento do cooperativismo no estado do Pará.

Na cooperativa COOPERDOCA, que possui 26 anos de existência, não existe nenhuma ação ou programa de educação cooperativa que envolva os cooperados e empregados. O presidente teve conhecimento do trabalho da OCB-SESCOOP/PA quinze dias antes da pesquisa ser realizada, com certeza esse tipo de desconhecimento provoca um ambiente hierarquizado, onde não há esclarecimento de seus devidos papéis.

A cooperativa SICOOB UNIDAS, ao contrário da COOPERDOCA, tem pouco tempo de constituição, e já apresenta sério desequilíbrio, pois conforme a entrevista é uma cooperativa que utiliza somente o lado empresarial do empreendimento, ao ponto de desconhecer ferramentas elementares de educação cooperativa, como a OQS. Percebeu-se que os cooperados são vistos apenas como clientes, assim inexistindo uma relação mais próxima entre cooperativa e cooperado, o que é perigoso para a competitividade do negócio, uma vez que estes por desconhecerem que são proprietários e possuem voz ativa no empreendimento, migrem para outras instituições, como por exemplo, os bancos.

Para que se alcance um trabalho sério de educação cooperativa, é necessário muito mais que boa vontade, é essencial que se entenda o papel da educação e da capacitação, pois ambas têm importância nas cooperativas, porém cada uma cumpre um papel diferente. Deve-se cada vez mais apostar e valorizar o cooperado, pois este é a força do cooperativismo, a educação esclarece sobre o cooperativismo, ensina o indivíduo o caminho da solidariedade, a capacitação melhora as habilidades técnicas dos indivíduos, mas é este quem executa, escolhe e faz verdadeiramente o cooperativismo existir.

Por fim, acreditamos na seriedade do trabalho do SISTEMA OCB-SESCOOP/PA, COOPERDOCA e SICOOB UNIDAS, porém em relação ao nosso objetivo de pesquisa, que foi levantar as atividades, programas e ações de educação

cooperativa que o SISTEMA OCB-SESCOOP-PA desenvolve e compará-las com as atividades de educação cooperativa desenvolvidas por essas cooperativas, acreditamos que não há um trabalho relevante.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACI – COOPERATIVAS. Disponível em: www.aci.org.br. Acesso em 10 mai. 2016.

AMODEO, N. B. P. **As Cooperativas Agroindustriais e os Desafios da Competitividade, 1999.** Tese (Doutorado em Desenvolvimento) – CPDA/UFRRJ. Rio de Janeiro.

AMODEO, N. B. P. Contribuição da educação cooperativa nos processos de desenvolvimento rural. In: AMODEO, N.B.P. e ALIMONDA, H. (org) **Ruralidades, capacitação e desenvolvimento.** Viçosa: UFV, 2006.

BARROS, A. J. S. e LEHFELD, N. A. S. Fundamentos de Metodologia: Um Guia para a Iniciação Científica. 2 Ed. São Paulo: Makron Books, 2000.

COOPERDOCA. A cooperativa. s/a. Disponível em <http://www.cooperdoca.com.br/acooperativa.jsp>. Acesso em 15 de abr. 2016.

FERREIRA, P.R. **A Educação Cooperativista em Minas Gerais: Mapeando as organizações.** 2009. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, A. S. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais.** Revista de Administração de Empresas. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1995.

HENDGES, M.; SCHNEIDER, J. O. **Educação e capacitação cooperativa: sua importância e aplicação. Economia Solidária e Ação Cooperativa (ESAC),** Unisinos, v.1, n.1, 2006. Disponível em: www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdf_esac/art04_odelso.pdf - Acesso em: 12 mai.2016.SISTEMA OCB/SESCOOP. **Institucional.** Disponível em www.brasilcooperativo.coop.br. Acesso em 05 abr. 2016.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

OLIVEIRA, D. P. R. **Manual de Gestão das Cooperativas: uma abordagem prática.** 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2006.

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da Pesquisa: Abordagem teórico-prática**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1997.

SANTOS, C. E. S. Relatório anual de 2015: Palavra do presidente. Disponível em <http://www.sicoobunicoob.com.br/wp-content/uploads/2015/06/Relat%C3%B3rio-Anual-2016.pdf>. Acesso em 15 abr. 2016.

SCHNEIDER, José Odelso. Pressupostos da educação cooperativa: a visão de sistematizadores da doutrina do cooperativismo. In: SCHNEIDER, José Odelso. **Educação cooperativa e suas práticas**. Brasília: UNISINOS, 2003.

SCHNEIDER, J. O.; HENDGES. M. & SILVA. A. C. M. **Educação e Capacitação Cooperativa: Os desafios no seu desempenho**. São Leopoldo: Unissinos, 2010.

SILVA, R. D. L. & PERTALY, R. R. Responsabilidade Social empresarial no cooperativismo: O dia de cooperar como estratégia de voluntariado cooperativista. In: SOUZA, M. F. A. & MILAGRES, S. F. **Propostas de melhorias para as Cooperativas Tocantinenses**. Palmas - TO: SESCOOP/TO, 2015. (Coleção Tocantins Cooperativo; v,2).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPO GRANDE - Só Biografias. Disponível em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/RoberOwe.html>. Acesso em 28 Jun. 2016.

VALADARES, José Horta. **A Prática de Organização do Quadro Social nas Cooperativas Mineiras**. Belo Horizonte: OCEMG/PNFC/INTERCOOP. 1996.

VALADARES, José Horta. **Estratégias de educação para a cooperação**. Viçosa, MG: UFV. Pós-Graduação em cooperativismo, 2005.